



ORIENTE MÉDIO

Paquistão ataca o Irã, e EUA temem escalada

Em retaliação a ofensiva de Teerã, forças paquistanesas bombardeiam “esconderijos de terroristas” em território iraniano e deixam nove mortos. ONU manifesta preocupação e pede contenção. Casa Branca monitora tensão

» RODRIGO CRAVEIRO

Bombardeios realizados pelo Paquistão — único país muçulmano detentor de armamentos nucleares — contra supostos “esconderijos terroristas” na província do Sistão-Baluchistão, no leste do Irã, deixaram nove mortos e elevaram a tensão no Oriente Médio e na Ásia Central. A operação militar ocorreu dois dias depois de ataques perpetrados pelo Irã contra o grupo extremista Jaish Al-Adl, que operava em território paquistanês. Ela se insere no contexto da guerra travada entre Israel e o movimento fundamentalista palestino Hamas, na Faixa de Gaza, e dos atentados cometidos pelos rebeldes separatistas xiitas huthis contra embarcações no Mar Vermelho.

Ao longo da semana, o Irã também disparou mísseis e usou drones em bombardeios na região do Curdistão iraquiano e na Síria. Ontem, 10 civis também morreram em ofensivas aéreas travadas pela Jordânia na Síria — os alvos seriam traficantes de drogas.

O Ministério das Relações Exteriores do Paquistão confirmou o lançamento de “uma série de ataques militares coordenados” e “com precisão contra esconderijos terroristas na província do Sistão-Baluchistão, no Irã”. “Vários extremistas morreram”, acrescentou o comunicado da chancelaria, segundo o qual as forças de Islamabad agiram “à luz de informações confiáveis que permitiram impedir atividades terroristas em grande escala”.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, fez rápido comentário sobre a tensão entre Islamabad e Teerã. “Como vocês podem ver, o Irã não é particularmente querido na região”, declarou. “Para onde — para onde isso vai, estamos trabalhando agora. Eu não sei aonde isso vai.”

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, externou

Farooq Naeem/AFP



Banaras Khan/AFP



Morador do Baluchistão mostra montanhas onde o Irã lançou mísseis

“profunda preocupação” pelos ataques e instou o Irã e o Paquistão a “evitarem uma escalada”. “O secretário-geral está profundamente preocupado com a recente troca de ataques militares entre Irã e Paquistão”, disse, em nota, Stéphane Dujarric, porta-voz de Guterres. “O chefe da ONU urge ambos os países a praticarem contenção máxima para evitar uma escalada maior das tensões.”

Trocas diplomáticas

De acordo com o paquistanês Hasan-Askari Rizvi, estrategista militar da Universidade do Punjab (em Lahore), os ataques de Teerã com mísseis e drones a um vilarejo próximo da fronteira entre Irã e Paquistão surpreenderam a todos, principalmente pelo fato de os canais diplomáticos entre os países estarem sempre abertos. Teerã e Islamabad têm trocado informações sobre

grupos terroristas que se movem em ambas direções por meio da fronteira porosa.

“Parece-me que o establishment militar iraniano, especialmente o ‘Pasdaran’ (Exército dos Guardiães da Revolução Islâmica), tomou a decisão de empreender ações militares na Síria, no Iraque e no Paquistão para responder a pressões

iranianas causadas pelo atentado em Kerman, no aniversário de morte do general Qasem Soleimani. Eles querem mostrar à opinião pública que os terroristas vêm de fora do país e que o Irã tem capacidade de lidar com eles tanto internamente quanto no exterior”, explicou Rizvi ao **Correio**.

Em relação ao Paquistão, Rizvi

afirmou que insurgentes do Baluchistão utilizam o território iraniano como esconderijo e alguns extremistas baseados no Irã também invadem o lado paquistanês. “Depois do último incidente, Paquistão deu, inicialmente, uma resposta diplomática. Os dois chanceleres conversaram ao telefone. No entanto, as autoridades do regime teocrático islâmico insistiram que a ação era contra terroristas, não contra o Paquistão. Na noite de ontem (quarta-feira), Islamabad lançou uma operação área contra os insurgentes do Baluchistão dentro do território iraniano”, relatou o estrategista militar paquistanês.

Ele acrescentou que o Paquistão chamou o embaixador de volta; e o Iraque retirou seu representante de Teerã, mas não teria condições de responder militarmente. “A Síria ficará quieta. O Paquistão respondeu por meios militares e diplomáticos.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“As atividades militares do Irã minam a interação diplomática normal entre Teerã e Islamabad. A ação iraniana contra os três países isolou ainda mais o Irã no Oriente Médio. A maioria dos Estados árabes e do Golfo Pérsico têm reservas quanto à política externa iraniana. Paquistão, Iraque e Síria tinham boas relações de trabalho com o Irã. Agora, Bagdá e Islamabad terão restrições, a menos que o Irã mude suas políticas. Os incidentes tiram o foco da guerra Gaza-Israel, ao menos temporariamente.”

Hasan-Askari Rizvi, estrategista militar da Universidade do Punjab (em Lahore)

Teremos que esperar pela reação do Irã. Nosso país ofereceu, novamente, canais diplomáticos para lidar com a questão do terrorismo”, disse Rizvi. “A preferência do Irã é pela diplomacia e pelo diálogo. Se os iranianos insistirem na ação militar, a situação pode se deteriorar.”

Especialista em segurança nacional, o paquistanês Ahmed Quraishi lembrou que o regime dos aiatolás, o único papel do Irã é o de ser um ‘valentão’ regional”, ironizou, por e-mail. “A Guarda Revolucionária planejou um grande golpe publicitário, alegando atingir as instalações do serviço de espionagem israelense Mossad no Iraque, na Síria e no Paquistão e angariar simpatia da opinião pública árabe. Calcularam mal a resposta do Paquistão, que estragou a festa.”

DEFESA

Otan anuncia exercício com 90 mil soldados

Na próxima semana, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) iniciará seu maior exercício militar “em décadas”, uma operação de vários meses que deverá mobilizar pelo menos 90 mil soldados. Segundo a agência de notícias *France-Presse*, esta será a maior simulação bélica da aliança ocidental em 36 anos, desde pouco antes do colapso da União Soviética. Ela coincide com o momento em que a Otan revisa suas estratégias de defesa após a invasão russa da Ucrânia.

Batizado de “*Steadfast Defender*” (“Defensor Firme”), o exercício da aliança atlântica se estenderá até maio e envolverá 31 países da Otan, além da Suécia, que oficializou o desejo de adesão ao bloco. “Será uma demonstração clara de nossa unidade, de nossa força e de nossa determinação em protegeremos uns aos outros”, declarou o general norte-americano Christopher Cavoli, chefe do Comando da Otan para a Europa. No total, participarão das manobras militares 50 navios, 80 aeronaves e mais de 1,1 mil veículos de combate.

Os exercícios — uma série

Janek Skarzynski/AFP



O general Christopher Cavoli: “Será uma demonstração de força”

de manobras menores — serão realizados desde a América do Norte até o flanco oriental da Otan, perto da fronteira com a Rússia. Por sua vez, o chefe do Comitê Militar, o almirante holandês Rob Bauer, comentou que os países da aliança devem estar preparados para enfrentar adversários como a

“Rússia ou os grupos terroristas”. “Não estamos buscando conflito, mas, se nos atacam, temos que estar prontos”, advertiu. Os países da Otan precisam “ter planos, e por isso estamos nos preparando para um conflito”, disse Bauer. Ele ressaltou que se trata de um número “recorde de tropas”.

Bauer afirmou, ainda, que as tropas terrestres russas foram afetadas pela guerra na Ucrânia, mas apontou que a Marinha e a Força Aérea seguem sendo forças “consideráveis”. Segundo o militar, os esforços da Rússia para reconstruir sua capacidade bélica foram dificultados pelo impacto das sanções ocidentais, mas que Moscou segue tendo a habilidade de aumentar a produção de artilharia e de mísseis. Sobre o conflito na Ucrânia, iniciado em fevereiro de 2022, Bauer indicou que ainda há intensos combates, mas que a linha de frente “não se move muito em um sentido ou outro”.

Até o fechamento desta edição, a Rússia não tinha comentado, diretamente, o exercício anunciado pela Otan. Serguei Lavrov, ministro das Relações Exteriores do governo de Vladimir Putin, lembrou que Moscou jamais ameaçou usar armas nucleares, “ao contrário do Ocidente”. “Tudo o que dizem é que Putin está prestes a usar uma bomba nuclear, embora tal coisa jamais tenha sido proferida, em contraste com os europeus ou os norte-americanos”, comentou.

Forças Armadas do Equador/AFP



Militares equatorianos entram na prisão de Guayaquil

Centenas de militares e policiais entraram em um presídio do complexo penitenciário de Guayaquil (sudoeste), cidade portuária e centro da guerra do governo contra as gangues de traficantes de drogas, informaram as Forças Armadas. As tropas “realizam uma nova intervenção no Centro de Privação de Liberdade Guayas, controlando o perímetro externo e interno do centro penitenciário”, afirmou o Exército, por meio da rede social X. Repórteres da agência *France-Presse* registram tanques e esquadrões fortemente armados ao redor da prisão. Também ontem, a polícia do Equador deteve dois suspeitos do assassinato, na véspera, de César Suárez, promotor antimáfia que investigava o ataque armado ao canal de televisão TC Televisión, em Guayaquil, em 9 de janeiro. O promotor foi executado enquanto circulava em seu carro num bairro do porto de Guayaquil.